

FH e os erros de Fernando Henrique

Seu negócio é um só: a estabilidade da moeda

Há um teste pelo qual se pode medir a vaidade de um presidente. Basta pedir que responda à seguinte pergunta:

— Quais foram seus três maiores erros?

É difícil que ele responda durante o período em que ocupa o palácio. Quando sai, coopera, mas demora. (José Sarney, por exemplo, consome algumas dezenas de segundos para cada erro.) Mesmo demorando, é comum que a cada trapalhada reconhecida acrescente uma explicação indulgente. (Fernando Collor de Mello, por exemplo, acha que foi tudo coisa dos taiwaneses.)

Fernando Henrique Cardoso é um caso raro de presidente que com menos de um ano de mandato é capaz de identificar os três maiores erros da primeira fase de seu mandarinato, sem indulgências e sem passar a conta para baixo. Logo ele, pessoa de autoproclamada vaidade.

Desmentindo a teoria segundo a qual o primeiro ano do real e seus primeiros seis meses de mandato o fizeram decolar pelo céu de Brasília, Fernando Henrique Cardoso fala mal do próprio Governo com a categoria com que criticava os dos outros.

O primeiro erro esteve na incapacidade do Governo de antecipar as dificuldades da agricultura já nos primeiros meses do ano. Com mais detalhe: esse erro agravou-se, permitindo que a Taxa de Referência, a TR, que corrigia as dívidas dos ruralistas e acabou enforcando-os, durasse demais. Malsã, deveria ter morrido havia alguns meses.

O segundo erro começou a ser cometido antes mesmo da



posse, tirando-se da crise mexicana, ou do Milagre da Virgem de Guadalupe, menos lições do que se devia. Fernando Henrique começou a rodada de conversas para desvalorizar o real dias antes da posse, mas esperou demais. O mesmo sucedeu com as importações. O México ensinava que uma política de fronteiras abertas e déficits megalomaniacos não tinha mais cabimento. Os mexicanos importavam até pastéis. Mesmo tendo apertado as importações e desvalorizado o real, o presidente está convencido de que deveria ter feito as duas coisas bem antes.

O terceiro erro foi ter entrado em campo sem agenda, acreditando que se deveria esperar o fim da legislatura agonizante, para começar a conversar com o Congresso.

Isso levou o Governo a perder as preciosas primeiras semanas do mandato. Embolou as reformas e permitiu que por três meses a imagem da administração FH fosse definida pela oposição.

A TR já acabou. A agenda do Governo saiu da mão dos seus adversários. É verdade que o câmbio continua sobrevalorizado e não há acordo dentro do Governo sobre o real significado da farra dos importados, mas é certo que ninguém mais defende grandes déficits na frente do professor Cardoso.

Meio ano de mandato foi o suficiente para transformar o candidato inebriado pelo repentino sucesso da notinha do real num governante com uma idéia fixa. Seu negócio é a estabilidade da moeda.